

## APRESENTAÇÃO

O volume 57.1 traz uma variedade enorme de autores e gêneros, com várias colaborações internacionais. No primeiro artigo, de Álvaro Cardoso Gomes, Alzira Lobo de Arruda Campos e Eliane Alcântara Teixeira, dedicado à literatura portuguesa que abordou o colonialismo na África, há uma interessante análise que visa a estabelecer as relações entre a história e a literatura no romance *As naus*, de António Lobo Antunes, publicado em 2011. Os autores procuram destacar os temas obsessivos do escritor português, o qual procura sempre ressaltar a decadência de Portugal e o “refúgio” num passado colonialista e repleto de conquistas, além dos efeitos da Revolução dos Cravos na sociedade portuguesa com o conseqüente e dramático retorno dos que deixaram as colônias ultramarinas e se viram forçados a uma adaptação na metrópole.

Ainda neste interessante artigo, ressalta-se o caráter fantástico de *As naus*, que beira o surrealismo. Além do mais, há uma notável fusão entre o histórico e o literário, pois a maioria das suas personagens pertence ao passado supostamente glorioso de Portugal, com as suas conquistas e descobrimentos. No entanto, além de algumas personagens fictícias que vivem no século XX, algumas personagens históricas sofrem um processo de ficcionalização, com ações e localizações no tempo indicadas pelo ficcionista.

Partindo dos pressupostos teóricos de Linda Hutcheon, no segundo artigo encontramos a densa análise de Ana Cristina Mendes a respeito da ficção pós-modernista inglesa produzida entre o final do século passado e os primeiros anos deste século. De acordo com a autora, ente tantas características que marcam esse tipo de narrativa podemos destacar a tentativa de contestação das ideias culturais dominantes e a visão da história como uma constante construção de verdades. Dessa maneira, as considerações de Ana Cristina Mendes tendem a ressaltar que existe uma notável desconfiança nesse tipo de romance com relação a uma visão linear da história universal. Evidentemente, no contexto da Inglaterra, particularmente em escritores como Salman Rushdie e Julian Barnes, a visão da história passa a ser submetida a uma revisão que enfoca a decadência do outrora Império Colonial.

O artigo de Fernando Coelho mostra bastante originalidade ao analisar as traduções para o italiano de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *A Bagagem do Viajante*, de José Saramago. Particularmente, o articulista concentra as suas observações na tradução dos verbos no português conjugados no imperfeito do indicativo com valor condicional para o italiano. Desse modo, verifica-se que nem sempre os tradutores italianos souberam interpretar o imperfeito do português, deixando de transmitir ao texto de chegada em italiano o valor de condicional, tanto no romance do escritor brasileiro como no do romancista português. Demonstra-se ainda que, em determinados casos, há mudanças significativas no sentido original quando o tradutor opta, por exemplo, por traduzir um imperfeito do original português por um “condizionale” do italiano.

A análise de Fernando Coelho revela-se bastante criteriosa, à medida que não se limita apenas a comparar a versão original com a tradução para o italiano, mas também

procura refletir sobre as dificuldades específicas que os tempos verbais oferecem a quem se aventura pela difícil arte da tradução.

Fernando Grueza analisa a temática do medo presente nos contos (“lendas”) do escritor espanhol Adolfo Bécquer. Ressalta-se no artigo que o aspecto fantástico (maravilhoso) surge na narrativa do autor em momentos precisos, geralmente na aurora ou no entardecer, quando se trata de uma aparição ou transformação maravilhosa, e à noite, associado ao mal ou demoníaco. O articulista nos faz perceber ainda que nas lendas baseadas no folclore oral o medo surge naturalmente, enquanto nas lendas tradicionais não elaboradas ou parcialmente elaboradas, assim como nas lendas ideais, não há a presença do medo, do terror.

Além disso, o estudo ressalta que o escritor nascido em Sevilha utiliza principalmente dois tipos de medo: o medo de lugares, objetos e seres reais, além do medo de lugares, objetos e seres imaginários. Bécquer realiza, porém, descrições realistas e minuciosas dos espaços em que se movem as personagens, levando o leitor a identificar-se com cenários previamente conhecidos em que o elemento fantástico deverá surgir.

No quinto artigo, Gustavo Esparza submete a narrativa do escritor argentino Leopoldo Lugones, principalmente os contos de *Las fuerzas extrañas*, a densa análise na qual se vale de uma metodologia simbolista baseada nas ideias de Heinrich Hertz, físico alemão, retomadas filosoficamente por Ernest Cassirer. Nestes contos de Lugones, adverte o articulista, há sempre a presença de forças naturais estranhas que provocam desordem e destruição nas ações empreendidas pelos protagonistas. Nesse sentido, o desenvolvimento das tramas dos contos aponta para uma aproximação maior com as ideias do físico do que com possíveis intertextualidades ou referências meramente literárias.

Utilizando as mencionadas ideias de Hertz retomadas por Cassirer, ele verifica nos romances uma constância entre uma atitude ligada ao pensamento que desemboca em um fenômeno natural. Dessa maneira, a antítese permanente entre vida e morte aparece associada à intervenção humana na natureza que necessariamente provoca, na visão do autor, o surgimento de forças estranhas, quase sempre destrutivas.

Nas muitas possibilidades de leitura dos contos de Lugones por meio da teorias da física de Hertz, Gustavo Esparza enfatiza a que percebe uma relação direta entre os nossos pensamentos e os fenômenos naturais. Na interpretação filosófica de Cassirer, que retoma as ideias de Hertz, haveria uma relação direta entre os fenômenos naturais e os seus postulados teóricos, isto é, os símbolos. Sendo assim, o ensaio procura demonstrar que é perfeitamente coerente interpretar os contos de Lugones à luz dos pressupostos científicos e filosóficos mencionados.

No sexto artigo, João Cícero investiga os aspectos sociais e políticos da obra *Noções de Corografia do Brasil*, escrita por Joaquim Manuel de Macedo em 1873, encomendada pela Exposição Mundial de Viena ocorrida na época. Entre tantos aspectos mencionados no artigo, merece destaque a visão que transparece na obra de Macedo de um país ainda “virgem” e que necessitava da presença do europeu para poder progredir e para ser definitivamente catequizado. João Cícero analisa também os percalços da versão em alemão da obra de Macedo. Evidentemente, reforçando os interesses europeus e, sobretudo, alemães em ressaltar o aspecto de “país selvagem” da obra do autor de

*A Moreninha*, a versão elimina o prólogo em que o autor praticamente se desculpa por não dominar o tema e conseqüentemente anula em parte o raciocínio crítico do nosso escritor.

O articulista investiga também os motivos políticos que levaram à escolha de Joaquim Manuel de Macedo para a elaboração da obra. Ele teria sido escolhido por ter certo “trânsito” na realeza e, sobretudo, por ser um escritor “volátil” que se prestava a todo o tipo de escrita. Na verdade, não era propriamente um leigo no assunto, pois trabalhara quase trinta e sete anos no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, tendo ocupado vários cargos até sua morte.

Concluindo as suas observações sobre a versão em alemão da obra de Macedo, João Cícero destaca que tudo foi feito para que o leitor europeu da época pudesse desfrutar de um livro contendo a descrição geográfica de mais um país selvagem e exótico, eliminando o que restava de reflexão crítica no volume.

Revestindo-se de ineditismo e de originalidade, o estudo seguinte nos brinda com uma análise de um dos aspectos mais curiosos da narrativa de Roberto Bolão, que pode inclusive nos fazer pensar no processo pelo qual Borges e, sobretudo, Umberto Eco, realizavam suas incursões satíricas que visavam a dessacralizar o universo erudito-acadêmico.

O artigo de José Rivera-Soto investiga aparentemente pós-modernos do romance *La literatura nazi en América* (1996), do escritor chileno Roberto Bolão. A obra de Bolão se apresenta como uma espécie de enciclopédia sobre autores nascidos no continente. Na verdade, como enfatiza o articulista, Bolaño elabora uma paródia da enciclopédia literária tradicional, visando a evidenciar os poderes constituídos e as manipulações políticas e acadêmicas que muitas vezes estão nos bastidores desse tipo de volume que pretende ser abrangente e imparcial, mas muitas vezes está a serviço da “institucionalidade” dominante.

Esta espécie de enciclopédia “apócrifa” contém uma infinidade de escritores, todos supostamente simpatizantes do nazismo. *La literatura nazi en América*, de Roberto Bolão, na opinião de Rivera-Soto, tem o objetivo claro e original de dessacralizar a razão e o pensamento, ironizando a classificação dos gêneros literários e a inserção de escritores e escolas literárias em categorias estanques.

No sétimo artigo, Kaio Karmona aborda a produção poética de Carlos Ávila, ressaltando as influências do movimento concretista na primeira obra do autor, *Aqui & Agora*, de 1981, e em *Sinal de menos* (1989) e *Bissexto sentido* (1999), nas quais transparece uma dicção própria. O articulista realiza a análise de alguns poemas do poeta mineiro e destaca o tema erótico, por meio do qual se proclama a liberação do corpo, aliada a uma constante reflexão sobre o próprio “eu” poético que “olha e sabe que está olhando”, demonstrando a originalidade do autor que não só absorve as conquistas da vanguarda poética do pós-guerra brasileiro, mas também procura trilhar um caminho próprio, depurando incessantemente a própria linguagem.

No penúltimo artigo, Marisa Martins Gama-Khalil analisa as figuras monstruosas na literatura, nas novelas gráficas e no cinema, destacando as narrativas com “desmorts” ou zumbis. Para a sua análise, Marisa se vale tanto de observações sobre *O pirótecnico Zacarias*, de Murilo Rubião, como de uma densa explanação sobre a figura do zumbi no

cinema, de Victor Halperin (1932) a George Romero, indiscutível “revolucionário” no que diz respeito à representação dos zumbis principalmente na famosa trilogia *A noite dos mortos vivos* (1968), *Despertar dos mortos* (1978) e *O dia dos mortos* (1985).

Com relação ao cineasta americano, o artigo destaca também a sua nova trilogia fílmica, iniciada muitos anos depois com *Terra dos mortos* (2005), *Diário dos mortos* (2007) e *A ilha dos mortos* (2009). Em 2015, pouco antes de falecer, Romero deu início a uma nova trilogia, escrita na linguagem da novela gráfica com a produção da Marvel e com o título de *Império dos mortos* (2015; 2016), constituindo uma história dividida em três atos.

Em seguida, a articulista elenca as muitas manifestações sobre a figura dos zumbis ao longo da história literária. Com relação à literatura brasileira, ela destaca Alexandre Callari, (*Apocalipse zumbi*: os primeiros anos), Tiago Toy (*Terra morta*) e Rodrigo de Oliveira, (*O vale dos mortos*). Ela se refere ainda a *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, nem sempre associado à ficção sobre os zumbis, mas talvez o mais antológico romance sobre o tema em questão. Para concluir o seu amplo trabalho, ela analisa o mencionado romance de Murilo Rubião, mostrando as notáveis diferenças que existem entre as caracterizações do protagonista Zacarias e a de Brás Cubas, do clássico de Machado de Assis. Em Machado, a vida pós-morte do narrador-protagonista é uma morte “de escrita”, pois ele não aparece aos olhos dos vivos, enquanto Zacarias, “desmorto”, narra misturado entre os vivos, continuando a vagar entre os que ainda não morreram.

No último artigo, Ronald Ferreira da Costa aproxima a teoria desconstrucionista de Derrida da obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier. Em seguida, o articulista faz interessantes observações sobre a definição de romance histórico, utilizando o mencionado romance do escritor cubano. Concluindo, ele se refere a *O Banquete*, de Platão, como um protorromance histórico, à medida que se encaixaria nas definições de romance histórico propostas por Menton. Entre Platão e Alejo Carpentier, portanto, haveria um fio condutor, isto é, a filosofia, num sentido mais amplo, do qual fariam parte a história e a literatura.

Julgamos, assim, ter obtido um conjunto expressivo de ensaios densos e instigantes, com colaborações de especialistas em literatura de vários países. Neste número acrescentamos não apenas um ensaio que se interpõe entre os estudos de tradução e a análise literária, mas também investigações sobre a poesia brasileira contemporânea e sobre os vários aspectos da narrativa ligada ao fantástico ou ao “monstruoso”. Do mesmo modo, além da literatura luso-brasileira, sempre presente em nossa revista, encontramos espaço também para a literatura hispano-americana e para estudos que partem de considerações filosóficas e atingem o universo literário.

Vale lembrar também que, mais uma vez, julgamos ter obtido êxito na tentativa de internacionalização da revista. Os leitores que nos acompanham não têm dificuldade em perceber que nos últimos números pudemos contar com a colaboração imprescindível de estudiosos espanhóis, portugueses, russos e de outras nacionalidades. Acreditamos que o espaço dado a esses colegas de países por vezes distantes colabora na “desprovincialização” das nossas revistas acadêmicas, abrindo novas possibilidades de intercâmbio com instituições culturais internacionais.

Esperamos que o presente número alcance muitos leitores, especialistas ou não, acadêmicos ou não, uma vez que os grandes temas da literatura interessam a um público bastante vasto. Acreditamos ainda que mais um passo foi dado na difusão de obras e autores, consagrados ou não, do interesse de todos que realmente apreciam a boa literatura.

Nosso agradecimento ainda a Tânia Zambini, pela normalização da revista, e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara, sem os quais não teria sido possível elaborar o presente volume.

Araraquara, agosto de 2018.  
Os editores

